

DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO

FACUNDO

ou civilização e barbárie

Profº Júlio Pimentel

História da América Independente I

Texto 5 / 21 Cópias

☞ TRADUÇÃO E NOTAS Sérgio Alcides

PRÓLOGO Ricardo Piglia

POSFÁCIO Francisco Foot Hardman

COSAC NAIFY

15. PRESENTE E PORVIR

Après avoir été conquérant, après s'être déployé tout entier, il s'épuise, il a fait son temps, il est conquis lui-même; ce jour-là il quitte la scène du monde, parce qu'alors il est devenu inutile à l'humanité.

Cousin¹

O bloqueio da França já durava dois anos, e o governo *americano*, animado do espírito *americano*, fazia frente à França, ao princípio europeu, às pretensões europeias. O bloqueio francês, contudo, tinha sido fecundo em resultados sociais para a República Argentina e servia para manifestar em toda a sua nudez a situação dos espíritos e os novos elementos de luta que deviam acender a guerra encarniçada, que só pode terminar com a queda daquele Governo monstruoso. O Governo pessoal de Rosas continuava seus estragos em Buenos Aires, sua fusão *unitária* no interior, ao passo que no exterior se apresentava gloriosamente enfrentando as pretensões de uma potência europeia e reivindicando o poder americano

1 "Depois de ter sido conquistador, depois de ter se espalhado por inteiro, ele se esgota, já consumiu seu tempo, está conquistado ele próprio; nesse dia sai da cena do mundo, porque agora se tornou inútil para a humanidade." Do *Cours de Philosophie*, do pensador e político francês Victor Cousin [1792-1867], publicado em 1828.

contra toda tentativa de invasão. Rosas provou – dizia-se por toda a América, e ainda se diz hoje – que a Europa é fraca demais para conquistar um Estado americano que quer manter seus direitos.

Sem negar essa verdade inquestionável, creio que o que Rosas evidenciou é a supina ignorância em que se vive, na Europa, acerca dos interesses europeus na América, dos verdadeiros meios de fazê-los prosperar, sem menosprezo da independência americana. Além disso, a República Argentina deve a Rosas, nestes últimos anos, o fato de ter enchido o mundo civilizado com seu nome, suas lutas e a discussão de seus interesses, pondo-a em contato mais imediato com a Europa, forçando seus sábios e seus políticos a se dedicarem a estudar este mundo transatlântico, chamado a desempenhar um papel tão importante no mundo futuro. Não digo que hoje estejam muito mais adiantados em conhecimentos, mas que já estão em via de experimento, e que por fim a verdade há de ser conhecida. Visto sob seu aspecto material, o bloqueio francês é um fato obscuro, que não conduz a nenhum resultado histórico; Rosas cede em suas pretensões, a França deixa seus navios apodrecerem nas águas do Prata, eis toda a história do bloqueio.

A aplicação do novo sistema de Rosas tinha trazido um resultado singular, a saber: que a população de Buenos Aires tinha fugido, reunindo-se em Montevideu. Permaneceram na margem esquerda do Prata, é verdade, as mulheres, os homens materiais, *aqueles que comem seu pão sob a férula*

de qualquer tirano; os homens, enfim, para os quais o interesse da liberdade, da civilização e da dignidade da pátria é posterior ao de comer e dormir; mas toda aquela escassa porção de nossas sociedades e de todas as sociedades humanas para a qual significa alguma coisa, nos negócios da vida, o viver sob um governo racional e a preparação de seus destinos futuros, achava-se reunida em Montevideu, para onde, por outro lado, com o bloqueio e a falta de segurança individual, tinham sido transferidos o comércio de Buenos Aires e as principais casas estrangeiras.

Achavam-se, então, em Montevideu os antigos unitários, com todo o pessoal da administração de Rivadavia, seus provedores, dezoito generais da República, seus escritores, os ex-congressistas etc.; estavam lá, além disso, os federais da *cidade*, emigrados a partir de 1833; ou seja, todas as celebridades hostis à Constituição de 1826, expulsos por Juan Manuel Rosas, com o apodo de *lomos negros*. Vinham depois os fautores de Rosas que não tinham podido ver sem horror a obra de suas mãos, ou que, sentindo que se aproximava deles a faca exterminadora, haviam tentado, como Tallien e os termidorianos, salvar a própria vida e a pátria, destruindo o que eles mesmos tinham criado.

Ultimamente chegara a se reunir em Montevideu um quarto elemento, que não era nem unitário, nem federal, nem ex-rosista, e que nenhuma afinidade tinha com aqueles, composto da nova geração que chegara à virilidade em meio à destruição da ordem antiga e à emergência da nova. Como Rosas teve muito cuidado e tanta insistência em fazer

o mundo crer que seus inimigos de hoje são os unitários de 1826, creio ser oportuno entrar em alguns detalhes sobre esta última faceta das ideias que agitaram a República.

A numerosa juventude de todas as províncias reunida pelo Colégio de Ciências Morais, fundado por Rivadavia, aquela que a universidade, o seminário e os muitos estabelecimentos de educação que pululavam naquela cidade, que um dia teve o candor de se chamar a Atenas americana, tinham preparado para a vida pública, encontrava-se sem foro, sem imprensa, sem tribuna, sem essa vida pública, sem teatro, enfim, no qual pudesse ensaiar as forças de uma inteligência juvenil e cheia de atividade. Por outro lado, o contato imediato com a Europa estabelecido pela revolução da Independência, pelo comércio e pela administração de Rivadavia, tão eminentemente europeia, tinha lançado a juventude argentina ao estudo do movimento político e literário da Europa, sobretudo da França. O romantismo, o ecletismo, o socialismo, todos aqueles diversos sistemas de ideias tinham calorosos adeptos, e o estudo das teorias sociais era feito à sombra do despotismo mais hostil a todo desenvolvimento de ideias. O Dr. Alsina, dando aula na universidade sobre legislação, depois de explicar o que era o despotismo, acrescentava esta frase final: "Em suma, senhores: querem ter uma ideia cabal do que é o despotismo? Eis aí o Governo de Don Juan Manuel Rosas com faculdades extraordinárias". Uma chuva de aplausos, sinistros e ameaçadores, afogava a voz do ousado catedrático.

Por fim, essa juventude que se esconde com seus livros europeus, para estudar em segredo, com seu Sismondi, seu Lermnier, seu Tocqueville, suas revistas *Britânica*, *de Ambos os Mundos*, *Enciclopédica*,² seu Jouffroy, seu Cousin, seu Guizot etc. etc., interroga-se, agita-se, comunica-se e por fim associa-se, sem deliberação, sem saber ao certo para quê, movida por um impulso que acredita ser puramente literário, como se as letras corressem o perigo de se perderem naquele mundo bárbaro, ou como se a boa doutrina perseguida na superfície precisasse ir esconder-se no asilo subterrâneo das catacumbas, para sair dali compacta e robustecida, a fim de lutar com o poder.

O Salón Literario de Buenos Aires³ foi a primeira manifestação desse espírito novo. Algumas publicações periódicas, alguns opúsculos nos quais as doutrinas europeias apareciam ainda mal digeridas, foram seus primeiros ensaios. Até

2 Sarmiento se refere à obra francesa *Encyclopédie nouvelle: Dictionnaire philosophique, scientifique, littéraire et industriel, offrant le tableau des connaissances humaines au XIX^e siècle*, editada por Pierre Leroux e Jean Reynaud e publicada em 1839-40.

3 Organização com fins culturais criada em 1837 pelo livreiro Marcos Sastre e extinta no ano seguinte depois de indisposições com o regime de Rosas e ameaças da polícia; os membros se associavam por meio de subscrição e mantinham reuniões semanais, contando no próprio Salão com uma biblioteca bem provida; as discussões giravam em torno de assuntos vários, sob forte influência de ideias ligadas ao socialismo utópico e ao romantismo.

então, nada de política, nada de partidos; ainda havia muitos jovens que, preocupados com as doutrinas históricas francesas, acreditaram que Rosas, seu Governo, seu sistema original, sua reação contra a Europa, eram uma manifestação nacional americana, uma civilização, enfim, com seus caracteres e formas peculiares. Não chegarei a apreciar nem a importância real desses estudos nem as fases incompletas, presumidas e até ridículas que aquele movimento literário apresentava: eram ensaios de forças inexperatas e juvenis que não mereciam recordação se não fossem precursores de um movimento mais fecundo em resultados. Do seio do Salón Literario se desprende um grupo de cabeças inteligentes, que, associando-se secretamente, propunha-se formar um carbonarismo que devia lançar em toda a República as bases de uma reação civilizada contra o Governo bárbaro que tinha triunfado.

Tenho sob os olhos, por acaso, a ata original dessa associação e posso, com satisfação, contar os nomes que a subscreveram. Os que os levam estão hoje disseminados pela Europa e pela América, exceto alguns que pagaram seu tributo à pátria com uma morte gloriosa nos campos de batalha. Quase todos os que sobrevivem são, hoje, literatos reconhecidos, e, se um dia os poderes intelectuais hão de ter parte na direção dos negócios da República Argentina, muitos e muito completos instrumentos acharão nessa seleta plêiade, longamente preparada pelo talento, pelo estudo, pelas viagens, pela desgraça e pelo espetáculo dos erros e desacertos que eles presenciaram ou cometeram.

“Em nome de Deus”, diz a ata, “da Pátria, dos Heróis e Mártires da Independência Americana; em nome do sangue e das lágrimas inutilmente derramadas em nossa guerra civil, todos e cada um dos membros da associação da jovem geração argentina:

“ACREDITANDO

“Que todos os homens são iguais;

“Que todos são livres, que todos são irmãos, iguais em direitos e deveres;

“Livres no exercício de suas faculdades para o bem de todos;

“Irmãos para marchar rumo à conquista daquele bem e ao cumprimento dos destinos humanos;

“ACREDITANDO

“No progresso da humanidade; tendo fé no porvir;

“Convencidos de que a união constitui a força;

“De que não pode existir fraternidade nem união sem o vínculo dos princípios;

“E desejando consagrar seus esforços à *liberdade e à felicidade de sua pátria* e à regeneração completa da sociedade argentina,

“JURAM

"1º Concorrer com sua inteligência, seus bens e seus braços à realização dos princípios formulados nas *palavras simbólicas*⁴ que formam as bases do pacto de aliança;

"2º *Juram* não desistir da empresa, sejam quais forem os perigos que se apresentem a cada um dos membros sociais;

"3º *Juram* sustentá-los a todo transe e usar de todos os meios que tenham em suas mãos para difundi-los e propagá-los;

"4º *Juram* fraternidade recíproca, união estreita e perpétuo silêncio sobre o que possa comprometer a existência da Associação".

As *palavras simbólicas*, não obstante a obscuridade emblemática do título, eram só o credo político que o mundo cristão reconhece e confessa, apenas acrescentado da decisão dos associados de prescindir das ideias e dos interesses que antes tinham separado unitários e federais, com os quais agora podiam harmonizar-se, uma vez que uma desgraça comum os tinha unido no desterro.

Enquanto esses novos apóstolos da República e da civilização europeia se preparavam para pôr seus juramentos à prova, a perseguição de Rosas já os alcançava, jovens sem antecedentes políticos, depois de ter passado pelos seus próprios partidários, pelos federais *lomos negros* e pelos antigos

4 As "Palavras simbólicas" são o manifesto escrito pelo poeta Esteban Echeverría, como base para o seu *Dogma socialista*. Jitrik informa que Juan B. Alberdi publicou o texto no primeiro dia do ano de 1839, no jornal *El Iniciador*, de Montevideu.

unitários. Eles tiveram, então, de salvar com a vida as doutrinas que tinham formulado com tanta sensatez, e Montevideu viu vir, uns atrás de outros, centenas de jovens que abandonavam a família, seus estudos e seus negócios, para ir buscar na margem oriental do Prata um ponto de apoio para derrubar, se pudessem, aquele poder sombrio que erguia uma barricada de cadáveres e tinha como vanguarda uma horda de assassinos legalmente constituída.

Precisei entrar nesses pormenores para caracterizar um grande movimento que então se agitava em Montevideu e escandalizou a América, dando a Rosas uma poderosa arma moral para fortalecer seu Governo e seu princípio *americano*. Falo da aliança dos inimigos de Rosas com os franceses que bloqueavam Buenos Aires, que Rosas jogou na cara dos unitários como um opróbrio. No entanto, a bem da verdade histórica e da justiça, devo declarar, já que a ocasião se apresenta, que os verdadeiros unitários, os homens que figuraram até 1829, não são responsáveis por aquela aliança; os que cometeram aquele delito de *lesa-americanismo*; os que se atiraram nos braços da França para salvar a civilização europeia, suas instituições, hábitos e ideias nas margens do Prata foram os jovens; numa palavra: fomos nós! Sei muito bem que Rosas encontra eco nos Estados americanos, até mesmo entre homens liberais e eminentemente civilizados, acerca desse ponto delicado, e que para muitos ainda é um erro afrontoso que argentinos tenham se associado aos *estrangeiros* para derrubar um tirano. Porém cada um deve repousar em suas

convicções, sem se rebaixar a justificar aquilo em que acredita com firmeza e sustenta por meio de palavras e obras. Assim, direi a despeito de quem quer que seja que a glória de ter compreendido que havia uma aliança íntima entre os inimigos de Rosas e os poderes civilizados da Europa pertenceu inteiramente a nós. Os unitários mais eminentes, como os americanos, como Rosas e seus satélites, estavam preocupados demais com essa ideia da nacionalidade, que é patrimônio do homem desde a tribo selvagem e que o faz ver o estrangeiro com horror. Nos povos castelhanos esse sentimento chegou a se converter numa paixão brutal, capaz dos maiores e mais culpáveis excessos, capaz do suicídio. A juventude de Buenos Aires levava consigo essa ideia fecunda da fraternidade de interesses com a França e a Inglaterra; levava o amor aos povos europeus, associado ao amor à civilização, às instituições e às letras que a Europa nos tinha legado, e que Rosas destruía em nome da América, trocando as vestes europeias por outras vestes, as leis europeias por outras leis, o governo europeu por outro governo. Essa juventude, impregnada das ideias civilizadoras da literatura europeia, ia buscar nos europeus inimigos de Rosas seus antecessores, seus pais, seus modelos; apoio contra a América, tal como a apresentava Rosas: bárbara como a Ásia, despótica e sanguinária como a Turquia, perseguindo e desprezando a inteligência como o maometismo. Se os resultados não corresponderam às suas expectativas, não foi deles a culpa; nem os que lhes censuram aquela aliança podem, tampouco, vangloriar-se de terem

acertado melhor; porque, se os franceses afinal pactuaram com o tirano, nem por isso tentaram nada contra a independência argentina, e se por um momento ocuparam a ilha de Martín García, chamaram depois um chefe argentino que se encarregasse dela. Os argentinos, antes de se associarem aos franceses, tinham exigido declarações públicas por parte dos bloqueadores de que respeitariam o território argentino, e as tinham obtido, solenes.

Entretanto, a ideia que os unitários no início tanto combateram, e que consideravam uma traição à Pátria, generalizou-se e os dominou, submetendo inclusive a eles mesmos, e hoje se difunde por toda a América e se enraíza nos ânimos.

Assim, associaram-se em Montevideu a França e a República Argentina europeia, a fim de derrocar o monstro do *americanismo* filho do Pampa; infelizmente, dois anos foram perdidos em debates, e, quando a aliança foi firmada, a questão do Oriente requisitou as forças navais da França, e os aliados argentinos ficaram sozinhos, vigilantes. Por outro lado, as preocupações unitárias impediram que fossem adotados os verdadeiros meios militares e revolucionários para agir contra o tirano, indo os esforços tentados de encontro a elementos que tinham permitido que se tornassem mais poderosos. Monsieur Martigny, um dos poucos franceses que, tendo vivido por um longo tempo entre os americanos, sabiam compreender seus interesses e os da França na América, francês de coração, que deplorava todos os dias os descaminhos, as preocupações e os erros desses mesmos argentinos aos quais

queria salvar, dizia dos antigos unitários: "São os emigrados franceses de 1789: não se esqueceram de nada nem aprenderam nada". E, com efeito: vencidos em 1829 pela *montonera*, acreditavam que mesmo a *montonera* era um elemento de guerra, e não queriam formar um exército de linha; dominados, então, pelas campanhas pastoris, acreditavam agora que seria inútil apoderarem-se de Buenos Aires; com preocupações invencíveis contra os *gaúchos*, ainda os viam como seus inimigos natos, parodiando, no entanto, sua tática guerreira, suas hordas de cavalaria e até seu traje nos exércitos.

Uma revolução radical, contudo, vinha sendo agitada na República, e tê-la compreendido a tempo teria bastado para salvá-la. Rosas, elevado pela campanha e mal estabelecido com segurança no Governo, tinha se dedicado a tirar dela todo o seu poder. Pelo veneno, pela traição, pela faca, tinha matado todos os comandantes de campanha que haviam ajudado na sua elevação, pondo no lugar deles homens sem capacidade, sem reputação, armados, no entanto, do poder de matar sem responsabilidade. As atrocidades de que Buenos Aires era o teatro sangrento, por outro lado, tinham feito fugir para a campanha uma imensa multidão de cidadãos que, misturando-se com os *gaúchos*, iam movendo, lentamente, uma fusão radical entre os homens do campo e os da cidade; a desgraça comum os reunia; uns e outros execravam aquele monstro sedento de sangue e de crimes, ligando-os para sempre num voto em comum. A campanha, desse modo, tinha deixado de pertencer a Rosas, e seu poder, faltando-lhe

aquela base e a da opinião pública, havia ido buscar apoio numa horda de assassinos disciplinados e num exército de linha. Rosas, mais perspicaz que os unitários, tinha se apoderado da arma que eles abandonaram gratuitamente: a infantaria e o canhão. Desde 1835 disciplinava rigorosamente seus soldados, e a cada dia um esquadrão era desmantelado, para engrossar os batalhões.

Nem por isso Rosas contava com o espírito de suas tropas, como não contava com a campanha nem com os cidadãos. As conspirações cruzavam, diariamente, seus fios, que vinham de diversos focos, e a unanimidade do desígnio, pela própria exuberância dos meios, tornava quase impossível levar qualquer coisa a cabo. Finalmente, a maior parte de seus chefes e todos os corpos de linha estavam implicados numa conjuração, encabeçada pelo jovem coronel Maza, que, tendo nas mãos a sorte de Rosas durante quatro meses, perdeu um tempo precioso comunicando-se com Montevideu e revelando seus planos. Por fim, aconteceu o que tinha de acontecer: a conspiração foi descoberta, e Maza morreu, levando consigo o segredo da cumplicidade da maior parte dos chefes que continuam, hoje, a serviço de Rosas. Mais tarde, apesar desse contraste, estourou a sublevação em massa da campanha, encabeçada pelo coronel Cramer, Castelli e centenas de proprietários pacíficos. Porém mesmo essa revolução não teve êxito, e setecentos *gaúchos* passaram pela angústia de abandonar seu pampa e seu parreheiro e embarcar para ir continuar, em outro lugar, a guerra. Todos esses imensos elementos

estavam em poder dos unitários; mas suas preocupações não os deixavam aproveitá-los; pediam, antes de tudo, que aquelas forças novas, atuais, se subordinassem a nomes antigos e passados. Não concebiam a revolução a não ser sob as ordens de Soler, Alvear, Lavalle ou outro de reputação, de glória clássica; e, enquanto isso, ocorria em Buenos Aires o que na França tinha ocorrido em 1830, a saber: que todos os generais queriam a revolução, mas lhes faltavam coração e entranhas; estavam desgastados, como essas centenas de generais franceses que, nos dias de julho, colheram os resultados do valor do povo, ao qual não quiseram emprestar suas espadas para que triunfasse. Faltaram-nos os jovens da Escola Politécnica, para que liderassem uma cidade que só pedia uma voz de comando para sair às ruas, desbaratar a Mazorca e desalojar o canibal. A Mazorca, malogradas essas tentativas, encarregou-se da fácil tarefa de inundar as ruas de sangue e de gelar o ânimo dos sobreviventes, por meio de crimes.

O Governo francês, por fim, mandou Monsieur Mackau⁵ terminar o bloqueio *a todo o transe*, e, com os conhecimen-

5 Ange René Armand, barão de Mackau [1788-1855]: oficial naval francês que pôs fim ao bloqueio da França ao rio da Prata, revogando os compromissos anteriormente assumidos pelo vice-cônsul Aimé Roger com os opositores de Rosas, e assinando um tratado com o ministro das Relações Exteriores argentino, Felipe Arana, em outubro de 1840, por meio do qual a França e a Confederação Argentina se reconheciam mutuamente com a condição de "nação mais favorecida".

tos de Monsieur Mackau sobre as questões americanas, firmou-se um tratado que deixava à mercê de Rosas o exército de Lavalle, que chegava, justamente naqueles momentos, aos arredores de Buenos Aires, e malogravam para a França as simpatias profundas dos argentinos por ela e as dos franceses pelos argentinos; porque a fraternidade galo-argentina estava cimentada por uma afeição profunda entre um povo e outro, sobre uma comunidade de interesses e ideias que até hoje, depois dos desatinos da política francesa, não pôde, em três anos, desprender das muralhas de Montevideu os heroicos estrangeiros que se aferraram a elas, como se fossem a última trincheira da civilização europeia nas margens do Prata. Talvez essa cegueira do ministério francês tenha sido útil à República Argentina: era preciso que uma desilusão semelhante nos tivesse feito conhecer a França poder, a França governo, muito diferente dessa França ideal e bela, generosa e cosmopolita, que tanto sangue derramou pela liberdade, e que seus livros, seus filósofos, suas revistas nos faziam amar desde 1810. A política traçada para o Governo francês por todos os seus publicistas, Considerant, Damiron e outros, simpática ao progresso, à liberdade e à civilização, poderia ter sido posta em prática no rio da Prata, sem que por isso balançasse o trono de Luís Filipe, que eles quiseram cunhar com a escravidão da Itália, da Polônia e da Bélgica; e a França teria colhido, em influências e simpatias, o que não lhe deu seu pobre tratado Mackau, que afiançava um poder hostil por natureza aos interesses europeus, que não podem medrar na América a não ser

à sombra de instituições civilizadoras e livres. Digo o mesmo com relação à Inglaterra, cuja política no rio da Prata faria suspeitar que tenha o secreto desígnio de deixar que se debilite, sob o despotismo de Rosas, aquele espírito que a rechaçou em 1806, para tornar a tentar a sorte quando uma guerra europeia ou outro grande movimento deixe a terra abandonada à pilhagem, acrescentando essa possessão às concessões necessárias para firmar um tratado, como o definitivo de Viena, em que se fez conceder Malta, a Cidade do Cabo e outros territórios adquiridos com um golpe de pena. Como seria possível conceber de outro modo, se a ignorância em que na Europa se vive acerca da situação da América não o desculpasse? Como seria possível conceber, digo, que a Inglaterra, tão zelosa na formação de mercados para suas manufaturas, tenha durante vinte anos assistido tranquilamente, quando não coadjuvado em segredo, à aniquilação de todo princípio civilizador nas margens do Prata e oferecendo a mão para que se levante, todas as vezes em que o viu balançar, ao tiranete ignorante que pôs uma barreira no rio para que a Europa não pudesse penetrar até o coração da América, em busca das riquezas nela encerradas e desperdiçadas pela nossa inabilidade? Como tolerar o inimigo implacável dos *estrangeiros*, que, com sua imigração à sombra de um Governo simpático aos europeus e protetor da segurança individual, teriam povoado, nestes últimos vinte anos, as costas de nossos imensos rios e realizado os mesmos prodígios que, em menos tempo, foram alcançados nas margens do Mississippi? A Inglaterra deseja

consumidores, qualquer que seja o Governo de um país? Mas o que hão de consumir 600 mil gaúchos, pobres, sem indústria, bem como sem necessidades, sob um Governo que, extinguindo os costumes e os gostos europeus, necessariamente diminui o consumo de produtos europeus? Haveremos de crer que a Inglaterra desconhece a tal ponto seus interesses na América? Terá querido pôr sua mão poderosa para evitar que seja erguido no sul da América um Estado como o que ela engendrou no norte? Que ilusão! Esse Estado vai erguer-se, apesar dela, mesmo que todos os anos arranquem seus brotos, porque a grandeza do Estado está no Pampa pastoril, nas produções tropicais do norte e no grande sistema de rios navegáveis cuja aorta é o Prata. Por outro lado, os espanhóis não somos nem navegantes nem industriais, e a Europa nos fornecerá, por longos séculos, seus artefatos, em troca de nossas matérias-primas; e ela e nós ganharemos com a troca: a Europa nos porá o remo na mão e nos rebocará pelo rio acima, até que tenhamos adquirido o gosto pela navegação.

Repetiu-se, por ordem de Rosas, em toda a imprensa europeia, que ele é o único capaz de governar nos povos semibárbaros da América. Não é tanto da América tão ultrajada que me lastimo, mas das pobres mãos que se deixaram guiar para estampar essas palavras. É muito curioso que só seja capaz de governar aquele que não pôde obter um dia sequer de repouso, e que depois de ter destruído, aviltado e ensanguentado sua pátria, descobre que, quando acreditava estar colhendo o triunfo de tantos crimes, está enredado com três Estados

americanos: o Uruguai, o Paraguai e o Brasil, e que ainda lhe ficam à sua retaguarda o Chile e a Bolívia, com os quais mantêm todas as exterioridades do estado de guerra; porque, por mais precauções que o Governo do Chile tome para não se malquistar com o monstro, a malquerença está no modo de ser íntimo de ambos os povos, nas instituições que os regem, nas tendências diversas de sua política. Para saber o que Rosas pretenderá do Chile, basta tomar a Constituição do Estado; pois bem: aí está a guerra; entregai-lhe a Constituição, ou direta ou indiretamente, e a paz virá depois, isto é, estareis conquistados para o Governo *americano*.

A Europa, que por dez anos foi se afastando do contato com a República Argentina, se vê chamada, hoje, pelo Brasil, para que o proteja do mal-estar de que sofre devido à proximidade de Rosas. Não acudirá a esse chamado? Acudirá mais tarde, não tenha medo; acudirá quando a própria República sair do aturdimento em que foi deixada pelos milhares de assassinatos com que a amedrontaram, porque os assassinatos não constituem um Estado; acudirá quando o Uruguai e o Paraguai pedirem que se faça respeitar o tratado feito entre o leão e o cordeiro; acudirá quando a metade da América do Sul se achar transtornada pela exasperação trazida pela subversão de todo princípio de moral e de justiça. A República Argentina está organizada, hoje, numa máquina de guerra que não pode deixar de operar sem anular o poder que absorveu todos os interesses sociais. Concluída a guerra no interior, já saiu para o exterior; o Uruguai não suspeitava,

há dez anos já, que precisasse haver-se com Rosas; o Paraguai não o imaginava há cinco; o Brasil não o temia há dois; o Chile não o suspeita ainda; a Bolívia o veria como ridículo; mas isso virá pela natureza das coisas, porque não depende da vontade dos povos nem dos governos, mas das condições inerentes a toda faceta social. Os que esperam que o mesmo homem haja de ser, primeiro, o açoitador de seu povo e, depois, o reparador de seus males; o destruidor das instituições que trazem a sanção da humanidade civilizada e o organizador da sociedade, conhecem muito pouco a História. Deus não procede assim: um homem, uma época para cada faceta, para cada revolução, para cada progresso.

Não pretendo traçar a história desse reinado do terror, que dura desde 1832 até 1845, circunstância que o torna único na história do mundo. O detalhamento de todos os seus espantosos excessos não entra no plano do meu trabalho. A história das desgraças humanas e dos extravios a que um homem pode se entregar, quando goza do poder sem freios, será engrossada em Buenos Aires com dados horríveis e raros. Só quis pintar a origem desse Governo e ligá-lo aos antecedentes, caracteres, hábitos e acidentes nacionais que, já desde 1810, vinham lutando para abrir passagem e apoderar-se da sociedade. Quis, além disso, mostrar os resultados e as consequências daquela espantosa subversão de todos os princípios em que repousam as sociedades humanas. Há um vazio no governo de Rosas que por ora não me é dado sondar, mas que a vertigem que enlouqueceu a sociedade ocultou até aqui. Rosas não *administra*;

não governa, no sentido oficial da palavra. Fechado por meses em sua casa, sem deixar que ninguém o veja, ele apenas dirige a guerra, as intrigas, a espionagem, a mazorca, todos os diversos expedientes de sua tenebrosa política; tudo o que não é útil para a guerra, tudo o que não prejudica seus inimigos, não faz parte do Governo, não entra na administração.

Porém não se creia que Rosas não conseguiu fazer progredir a República que está despedaçando, não; é um grande e poderoso instrumento da Providência, que realiza tudo o que interessa ao porvir da pátria. Vede como. Antes dele e de Quiroga, existia o espírito federal nas províncias, nas cidades, mesmo nos federais e nos unitários; ele o extingue, e organiza em proveito próprio o sistema unitário que Rivadavia almejou em proveito de todos. Hoje todos esses caudilhetes do interior, degradados, envilecidos, tremem com receio de lhe desagradar, e não respiram sem seu consentimento. A ideia dos unitários está realizada; apenas o tirano está de mais; no dia em que for estabelecido um bom Governo, achará as resistências locais vencidas e tudo disposto para a *união*.

A guerra civil levou os portenhos para o interior, e os provincianos, de uma província para outra. Os povos se conheceram, estudaram-se e se aproximaram mais do que o tirano queria; vem daí seu cuidado em lhes tirar os correios, violar a correspondência e vigiá-los a todos. A *união* é íntima.

Existiam, antes, duas sociedades diferentes: as cidades e as campanhas; lançando-se as campanhas sobre as cidades, os *gaúchos* se tornaram cidadãos e passaram a simpatizar

com a causa das cidades. A *montonera* desapareceu com o despovoamento de La Rioja, San Luis, Santa Fe e Entre Ríos, seus focos antigos, e hoje os *gaúchos* das três primeiras percorrem as planícies e o Pampa, apoiando os inimigos de Rosas. Rosas incomoda os estrangeiros? Os estrangeiros participam a favor da civilização americana, e durante três anos burlam seu poder, em Montevideu, e mostram a toda a República que Rosas não é invencível, e que ainda se pode lutar contra ele. Corrientes torna a se armar e, sob as ordens do general mais habilidoso e mais europeu que a República tem, prepara-se agora para iniciar a luta em *forma*, porque todos os erros passados são outras tantas lições para o futuro. O mesmo que fez Corrientes há de ser feito, mais dia, menos dia, por todas as províncias, porque nisso lhes vão a vida e o porvir.

Privou seus concidadãos de todos os direitos e despojou-os de toda garantia? Pois bem: não podendo fazer o mesmo com os estrangeiros, estes são os únicos que andam em Buenos Aires com segurança. Cada contrato que um filho do país necessita celebrar, precisa fazê-lo sob a assinatura de um estrangeiro, e não existe uma sociedade, não existe um negócio sequer sem participação de estrangeiros. De maneira que o direito e as garantias existem em Buenos Aires sob o despotismo mais horrível. "Que bom criado parece esse irlandês!", dizia a seu patrão um visitante em Buenos Aires. "É mesmo", respondia aquele, "foi por isso que o tomei: porque estou seguro de não ser espiado por meus criados e porque me

empresta sua assinatura para todos os meus contratos. Aqui, só esses criados têm a vida e as propriedades em segurança.”

Os gaúchos, a plebe e os *compadritos* o elevaram? Pois ele vai acabar com eles: seus exércitos vão devorá-los. Hoje não há leiteiro, criado, padeiro, peão, biscateiro nem cuidador de gado que não seja alemão, inglês, basco, italiano, espanhol, tal foi o consumo de homens que se deu em dez anos, e tanta é a carne humana necessária ao *americanismo* que ao fim e ao cabo a população americana se esgota e vai ser toda arregimentada entre os quadros que a metralha raleia desde o nascer do sol até o anoitecer. Não existe um corpo, diante de Montevideú, que hoje conserve mais que um soldado e apenas dois oficiais dos seus integrantes originais. A população argentina desaparece, e a estrangeira ocupa seu lugar, em meio aos gritos da Mazorca e da *Gaceta*: *Morram os estrangeiros!* Assim como a união se realiza gritando: *Morram os Unitários!* Assim como a federação morreu gritando: *Viva a federação!*

Não quer Rosas que os rios sejam navegados?⁶ Pois bem: o Paraguai pega em armas para que seja permitido navegá-los livremente; associa-se aos inimigos de Rosas, ao Uruguai, à Inglaterra e à França, porque todos desejam trânsito livre para que sejam exploradas as imensas riquezas do coração

6 Sarmiento se refere aqui, segundo nos informa Yahni, à proibição imposta por Juan Manuel de Rosas à navegação da bacia do Prata, a fim de impedir o acesso ao Paraguai e à província de Corrientes, chegando para isso a fortificar a passagem de Tonelero, às margens do rio Paraná.

da América. A Bolívia vai se associar, quer queira, quer não, a esse movimento, e Santa Fe, Córdoba, Entre Ríos, Corrientes, Jujuy, Salta e Tucumán vão secundá-la desde o momento em que compreenderem que todo o seu interesse, todo o seu engrandecimento futuro depende de esses rios, em cujas margens hoje dormem em vez de viver, levarem e trazerem as riquezas do comércio que, hoje, só Rosas explora, com o porto cuja posse lhe dá milhões para empobrecer as províncias. A questão da livre navegação dos rios que desembocam no Prata é hoje uma questão europeia, americana e argentina ao mesmo tempo, e Rosas tem nela uma guerra interior e exterior, até que caia e que os rios sejam navegados livremente. Assim, o que não se conseguiu pela importância que os unitários davam à navegação dos rios, consegue-se hoje pela torpeza do gaúcho do Pampa.

Perseguiu Rosas a educação pública e hostilizou e fechou os colégios e a universidade e expulsou os jesuítas?

Não importa: os colégios da França, do Chile, do Brasil, da América do Norte, da Inglaterra e até da Espanha contam no seu seio centenas de alunos argentinos. Eles voltarão depois para realizar em sua pátria as instituições que veem brilhar em todos esses Estados livres e emprestarão seus ombros para derrubar o tirano semibárbaro. Sente uma antipatia mortal pelas potências europeias? Pois bem, as potências europeias precisam estar bem armadas, bem fortes no rio da Prata, e, enquanto o Chile e os demais Estados livres da América não têm senão um cônsul e um navio de guerra

estrangeiro em suas costas, Buenos Aires tem de hospedar enviados de segunda categoria e esquadras estrangeiras, que têm seus interesses na mira, para conter as demasias do potro indômito e sem freios que está à cabeça do Estado.

Degola, castra, esquarteja seus inimigos, para acabar de um só golpe e com uma só batalha a guerra? Pois bem: travou já vinte batalhas, matou 20 mil homens, cobriu de sangue e de crimes espantosos toda a República; despovoou a campanha e a cidade para engrossar seus sicários, e ao fim de dez anos de triunfo sua posição precária é a mesma. Se seus exércitos não tomam Montevideú, sucumbe; se a tomam, resta-lhe o general Paz com exércitos frescos; resta-lhe o Paraguai, virgem; resta-lhe o Império do Brasil; restam-lhe o Chile e a Bolívia, que hão de estourar, por fim; resta-lhe a Europa, que há de refreá-lo; restam-lhe, por último, dez anos de guerra, de despovoamento e pobreza para a República, ou sucumbir: não há remédio. Triunfará? Mas todos os seus adeptos terão perecido, e outra população e outros homens substituirão o vazio que eles deixarem. Tornarão os emigrados a colher os frutos de seu triunfo.

Acorrentou a imprensa e pôs uma mordaca no pensamento para que não discutam os interesses da pátria, para que ela não se ilustre nem se instrua, para que não revele os crimes horrendos que ele cometeu, em que ninguém quer acreditar, por serem tão espantosos e inauditos? Insensato! O que fizeste? Os gritos que queres afogar cortando a garganta, para que a voz escape através da ferida, sem chegar aos lábios, ressoam, hoje, por toda a redondez da Terra. A imprensa da

Europa e da América te chama sem parar de execrável Nero, tirano brutal. Todos os teus crimes foram contados; tuas vítimas acham partidários e simpatias por toda parte, e gritos vingadores chegam até teus ouvidos. Toda a imprensa europeia discute, hoje, os interesses argentinos como se fossem os seus próprios, e o nome argentino anda, em tua desonra, pela boca de todos os povos civilizados. A discussão da imprensa está, hoje, em toda parte, e para opor a verdade à tua infame *Gaceta* existem cem jornais diários que desde Paris e Londres, desde o Brasil e o Chile, desde Montevideú e Bolívia, te combatem e publicam as tuas maldades. Alcançaste a fama a que aspiravas, sem dúvida; mas nas misérias do desterro, na obscuridade da vida privada, teus proscritos não trocarão uma só hora de seus ócios pela tua celebridade espantosa; pelas pontadas que recebes de todo lado; pelas repreensões que fazes a ti mesmo, por ter feito tanto mal inutilmente. O *americano*, o inimigo dos europeus condenado a gritar em francês, em inglês e em castelhano: Morram os estrangeiros! Morram os unitários! Qual! És tu, miserável, quem te sentes morrer, e te maldizes nos idiomas desses estrangeiros, e pela imprensa, que é a arma desses unitários? Que Estado americano já se viu condenado, como Rosas, a redigir em três idiomas suas desculpas oficiais para responder à imprensa de todas as nações, americanas e europeias, a um só tempo! Entretanto, aonde chegarão tuas diatribes infames, que o execrável lema:

Morram os selvagens, asquerosos, imundos unitários!

não esteja revelando a mão sangrenta e imortal que as escreve?

De maneira que o que teria sido uma discussão obscura e só interessante para a República Argentina agora o é também para a América inteira e para toda a Europa. É uma questão do mundo cristão.

Perseguiu Rosas os políticos, os escritores e os literatos? Pois vede o que aconteceu. As doutrinas políticas de que os unitários se tinham alimentado, até 1829, eram incompletas e insuficientes para estabelecer o Governo e a liberdade; bastou que agitasse o Pampa para lançar por terra seu edifício, fundado sobre a areia. Essa inexperiência e essa falta de ideias práticas foram remediadas por Juan Manuel Rosas em todos os espíritos, com as lições cruéis e instrutivas que lhes dava seu despotismo espantoso: novas gerações se levantaram, educadas naquela escola prática, que saberiam fechar as avenidas por onde um dia ameaçaria novamente transbordar o desenfreamento dos gênios como o de Rosas; as palavras tirania, despotismo, tão desacreditadas na imprensa pelo abuso que delas se faz, têm na República Argentina um sentido preciso, despertam no ânimo uma lembrança dolorosa; fariam sangrar, quando chegassem a ser pronunciadas, todas as feridas abertas em quinze anos de espantosa recordação. Dia virá em que o nome de Rosas será um meio de fazer calar o menino que chora, de fazer tremer o viajante na escuridão da noite. Sua faixa colorada, com a qual hoje levou o terror e a ideia das matanças até o coração de seus vassallos, servirá, mais tarde, de curiosidade nacional, que

mostraremos àqueles que vierem visitar nossas praias desde países remotos.

Os jovens estudiosos que Rosas perseguiu se espalharam por toda a América, examinando os diversos costumes, e penetraram na vida íntima dos povoados, estudaram seus governos e viram os recursos que em certos locais mantêm a ordem, sem detrimento da liberdade e do progresso, observando, em outros, os obstáculos que se opõem a uma boa organização. Alguns viajaram pela Europa, estudando o direito e o governo; outros residiram no Brasil; uns na Bolívia, outros no Chile, e outros, enfim, percorreram a metade da Europa e a metade da América, e trazem um tesouro imenso de conhecimentos práticos, de experiência e dados preciosos que um dia porão a serviço da pátria que reunir em seu seio esses milhares de proscritos que hoje andam disseminados pelo mundo, esperando que soe a hora da queda do Governo absurdo e insustentável que ainda não cede à pressão de tantas forças como as que hão de trazer necessariamente sua destruição.

Quanto à literatura, a República Argentina é hoje mil vezes mais rica do que nunca em escritores capazes de ilustrar um Estado americano. Se restasse dúvida, com tudo o que expus, de que a luta atual da República Argentina é apenas de civilização e barbárie, bastaria para prová-lo o fato de não se achar do lado de Rosas um só escritor, um só poeta dos muitos que aquela jovem nação possui. Montevideu presenciou, durante três anos consecutivos, as justas literárias do 25 de maio, dia em que dezenas de poetas, inspirados pela paixão da

pátria, disputaram entre si a láurea. Por que a poesia abandonou Rosas? Por que o chão de Buenos Aires não produz hoje nem rapsódias, sendo outrora tão fecundo em cantares e rimas? Quatro ou cinco associações existem, no estrangeiro, de escritores que empreenderam a compilação de dados para escrever a história da República, tão cheia de acontecimentos, e é verdadeiramente assombroso o acúmulo de materiais que foram assim reunidos em todos os pontos da América: manuscritos, impressos, documentos, crônicas antigas, diários, viagens etc. A Europa um dia ficará assombrada, quando tão ricos materiais vierem à luz pública, para engrossar a volumosa coleção de que Angelis⁷ só publicou uma pequena parte.

Quantos resultados não hão de colher esses povos argentinos desde o dia, já não distante, em que o sangue derramado afogar o tirano! Quantas lições! Quanta experiência adquirida! Nossa educação política está consumada! Todas as questões sociais, ventiladas: Federação, União, liberdade de cultos, imigração, navegação dos rios, poderes políticos, liberdade, tirania: tudo se disse entre nós, tudo nos custou torren-

7 Trata-se da *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata* [1835-37], o principal legado deixado por Pedro de Angelis [1784-1859], escritor liberal de origem napolitana, obrigado a deixar a Itália por sua militância política e convidado por Bernardino Rivadavia a se estabelecer na Argentina, onde passou a atuar como jornalista frequentemente cooptado pelos governantes, chegando a ser uma espécie de porta-voz de Rosas.

tes de sangue. O sentimento da autoridade está em todos os corações, ao mesmo tempo que Rosas nos inculcou profundamente, com suas atrocidades, a necessidade de conter a arbitrariedade dos poderes. Agora nada nos resta fazer senão o que ele não fez, e reparar o que ele destruiu.

Porque *ele*, durante quinze anos, não tomou uma medida administrativa para favorecer o comércio interior e a indústria nascente de nossas províncias; os povoados se entregarão com afínco a desenvolver seus meios de riqueza, suas vias de comunicação, e o *Novo Governo* vai se consagrar a restabelecer os correios e assegurar os caminhos que a Natureza abriu em toda a extensão da República.

Porque em quinze anos não quis assegurar as fronteiras do sul e do norte por meio de uma linha de fortes, e porque esse trabalho e esse bem feito à República não lhe davam vantagem alguma contra seus inimigos, o *Novo Governo* posicionará o exército permanente no sul e assegurará territórios para estabelecer colônias militares que, em cinquenta anos, serão cidades e províncias florescentes.

Porque *ele* perseguiu o nome europeu, e hostilizou a imigração de estrangeiros, o *Novo Governo* estabelecerá grandes associações para introduzir população e distribuí-la em territórios férteis às margens dos imensos rios, e em vinte anos acontecerá o que se deu nesse mesmo prazo na América do Norte: como por encanto, levantaram-se cidades, províncias e estados nos desertos, onde pouco antes manadas de bisões selvagens pastavam; porque a República Argentina se acha,

hoje, na situação do Senado romano, que, por um decreto, mandava levantar de uma vez quinhentas cidades, e as cidades se levantavam à sua voz.

Porque *ele* ergueu sobre nossos rios interiores uma barreira insuperável, para que sejam livremente navegados, o *Novo Governo* fomentará, de preferência, a navegação fluvial; milhares de navios remontarão os rios e irão extrair as riquezas que hoje não têm saída nem valor até a Bolívia e o Paraguai, enriquecendo em seu trânsito Jujuy, Tucumán e Salta, Corrientes, Entre Ríos e Santa Fe, que vão se tornar cidades ricas e formosas, como Montevideu, como Buenos Aires. Porque *ele* malbaratou os abundantes rendimentos do porto de Buenos Aires e gastou em quinze anos 40 milhões de pesos fortes que ele produziu, levando adiante suas loucuras, seus crimes e suas vinganças horríveis, o porto será declarado propriedade nacional, para que seus rendimentos sejam consagrados à promoção do bem de toda a República, que tem direito a esse porto, de que é tributária.

Porque *ele* destruiu os colégios e tirou as verbas das escolas, o *Novo Governo* organizará a educação pública em toda a República, com verbas adequadas e com um ministério especial, como na Europa, como no Chile, na Bolívia e em todos os países civilizados; porque o saber é riqueza, e um povo que vegeta na ignorância é pobre e bárbaro, como o são os da costa da África, ou os selvagens dos nossos pampas.

Porque *ele* acorrentou a imprensa, não permitindo a existência de outros jornais além dos que estavam destinados a

vomitarem sangue, ameaças e mortes, o *Novo Governo* estenderá por toda a República o benefício da imprensa, e veremos multiplicarem-se os livros de instrução e as publicações consagradas à indústria, à literatura, às artes e a todos os trabalhos da inteligência.

Porque *ele* perseguiu de morte todos os homens ilustrados, não admitindo para governar senão seu capricho, sua loucura e sua sede de sangue, o *Novo Governo* vai se cercar de todos os grandes homens que a República possui, e que hoje andam espalhados por toda a Terra, e com o concurso de todas as luzes de todos eles fará o bem de todos em geral. A inteligência, o talento e o saber serão chamados, de novo, a dirigir os destinos públicos, como em todos os países civilizados.

Porque *ele* destruiu as garantias que nos povos cristãos asseguram a vida e a propriedade dos cidadãos, o *Novo Governo* restabelecerá as formas representativas e assegurará para sempre os direitos que todo homem tem de não ser perturbado no livre exercício de suas faculdades intelectuais e de sua atividade.

Porque *ele* fez do crime, do assassinato, da castração e da degola um sistema de governo; porque *ele* desenvolveu todos os maus instintos da natureza humana para criar cúmplices e partidários, o *Novo Governo* fará da justiça, das formas recebidas dos povos civilizados, o meio de corrigir os delitos públicos, e trabalhará para estimular as paixões nobres e virtuosas que Deus pôs no coração do homem, para sua felicidade na Terra, fazendo delas o degrau para se elevar e influir nos negócios públicos.

Porque *ele* profanou os altares, pondo neles seu infame retrato; porque *ele* degolou sacerdotes, humilhou-os e os fez abandonarem sua pátria, o *Novo Governo* dará, ao culto, a dignidade que lhe corresponde e elevará a religião e seus ministros à altura necessária para que moralize os povos.

Porque *ele* gritou durante quinze anos "Morrão os selvagens unitários", fazendo crer que um Governo tem o direito de matar aqueles que não pensam como ele, marcando toda uma nação com um letrero e uma faixa, para que se creia que aquele que porta a *marca* pensa como o mandam pensar, debaixo de açoites, o *Novo Governo* respeitará as opiniões diferentes, porque as opiniões não são fatos nem delitos, e porque Deus nos deu uma razão que nos distingue das bestas, livre para julgar por meio do nosso livre-arbítrio.

Porque *ele* esteve continuamente suscitando querelas com os Governos vizinhos e com os europeus; porque *ele* nos privou do comércio com o Chile, ensanguentou o Uruguai, malquistando-se com o Brasil, atraindo um bloqueio da França, os vexames da marinha norte-americana, as hostilidades da inglesa, e metendo-se num labirinto de guerras intermináveis e reclamações, que não acabarão senão com o despovoamento da República e a morte de todos os seus partidários, o *Novo Governo*, amigo das potências europeias, simpático a todos os povos americanos, desatará de um só golpe esse enredo das relações exteriores e estabelecerá a tranquilidade no estrangeiro e no interior, dando a cada um seu direito e marchando pelas mesmas vias de conciliação e ordem pelas quais todos os povos cultos marcham.

Tal é a obra que nos resta realizar na República Argentina. Pode ser que não se possam obter tantos bens de repente, e que, depois de uma subversão tão radical quanto a que foi operada por Juan Manuel Rosas, ainda custe um ano ou mais de oscilações até que a sociedade entre em seus verdadeiros eixos. Porém, com a queda desse monstro, entraremos, pelo menos, no caminho que conduz a um tão belo porvir, em vez de nos afastarmos dele mais a cada dia, sob seu impulso, e de a passos agigantados retrocedermos à barbárie, à desmoralização e à pobreza. O Peru padece, sem dúvida, dos efeitos de suas convulsões intestinas; mas, por fim, seus filhos não saíram aos milhares, e por dezenas de anos, vagando pelos países vizinhos; não se ergueu ali um monstro que se rodeasse de cadáveres, sufocasse toda espontaneidade e todo sentimento de virtude. O que a República Argentina necessita antes de tudo; o que Rosas não lhe dará jamais, porque já não pode dar-lhe, é que a vida, a propriedade dos homens, não esteja à mercê de uma palavra indiscretamente pronunciada, de um capricho daquele que manda; dadas essas duas bases, segurança da vida e da propriedade, a forma de governo, a organização política do Estado, vão lhe dar o tempo, os acontecimentos, as circunstâncias. Mal haverá um povo na América que tenha menos fé do que o argentino num pacto escrito, numa Constituição. As ilusões já passaram; a Constituição da República será feita sem sentir, por si mesma, sem que ninguém a tenha proposto. Unitária, federal, mista, ela há de sair dos fatos consumados.

Nem acredito ser impossível que a ordem se imponha imediatamente após a queda de Rosas. Por mais que o pareça, à distância, não é tão grande a desmoralização que Rosas engendrou: os crimes de que a República foi testemunha foram *oficiais*, mandados pelo Governo; ninguém foi castrado, degolado nem perseguido sem uma *ordem* expressa para isso. Por outro lado, os povos sempre agem por meio de reações; ao estado de inquietação e alarme em que Rosas os manteve durante quinze anos, necessariamente há de suceder a calma; justamente porque tantos e tão horríveis crimes foram cometidos, o povo e o Governo fugirão de cometer um só, a fim de que as ominosas palavras Mazorca!, Rosas!, não venham zumbir em seus ouvidos, como outras tantas fúrias vingativas; justamente porque as pretensões exageradas de liberdade encarecidas pelos unitários trouxeram resultados tão calamitosos, os políticos serão, doravante, prudentes em seus propósitos, e os partidos, comedidos em suas exigências. Por outro lado, é desconhecer muito a natureza humana crer que os povos se tornam criminosos, e que os homens extraviados que assassinam quando um tirano os estimula a tanto são, no fundo, facínoras. Tudo depende das preocupações dominantes em certos momentos, e o homem que hoje se alimenta de sangue, por fanatismo, era ontem um devoto inocente, e será amanhã um bom cidadão, desde que desapareça a excitação que o induziu ao crime. Quando a nação francesa caiu, em 1793, nas mãos daqueles implacáveis terroristas, mais de 1,5 milhão de franceses tinham se fartado de sangue e de delitos, e, depois da queda de Robespierre

e do Terror, foi preciso sacrificar com ele apenas sessenta insígnies facínoras, para que a França voltasse a seus hábitos de quietude e moralidade; e esses mesmos homens que tantos horrores tinham perpetrado foram depois cidadãos úteis e morais. Mesmo entre os partidários de Rosas, nos próprios mazorqueiros há, sob as exterioridades do crime, virtudes que um dia deveriam ser premiadas. Milhares de vidas foram salvas pelos avisos que os mazorqueiros davam, secretamente, às vítimas que a *ordem* recebida os mandava imolar.

Independentemente desses motivos gerais de moralidade, que pertencem à espécie humana, em todos os tempos e em todos os países, a República Argentina tem elementos de ordem de que muitos países do mundo carecem. Um dos inconvenientes que impedem a tranquilização dos ânimos nos países convulsionados é a dificuldade de chamar a atenção pública para objetivos novos que a tirem do círculo vicioso de ideias em que ela vive. A República Argentina tem, por sorte, tanta riqueza a explorar, tanta novidade para atrair os espíritos depois de um Governo como o de Rosas, que seria impossível turvar a tranquilidade necessária para alcançar os novos fins. Quando tiver um governo culto e ocupado com os interesses da nação, quantas empresas, quanto movimento industrial! Os povos pastoris, ocupados com a propagação dos *merinos* que produzem milhões e ocupam pelo dia inteiro milhares de homens; as províncias de San Juan e Mendoza, consagradas à criação do bicho-da-seda, que com apoio e proteção do Governo careceriam dentro de quatro

anos de braços para os trabalhos agrícolas e industriais que ela requer; as províncias do Norte, entregues ao cultivo da cana-de-açúcar, do anil espontaneamente produzido; os litorais dos rios, com a navegação livre, que daria movimento e vida à indústria do interior. Em meio a esse movimento, quem faz a guerra? Para conseguir o quê? A não ser que tenha um Governo tão estúpido quanto o atual, que pisoteia todos esses interesses, e em vez de dar trabalho aos homens os leva para os exércitos, fazendo a guerra com o Uruguai, o Paraguai, o Brasil, e a toda parte, enfim.

Porém o elemento principal de ordem e moralização com que a República Argentina hoje conta é a imigração europeia, que por sua vez, a despeito da falta de segurança que lhe é oferecida, aglomera-se mais a cada dia no Prata, e, se houvesse um Governo capaz de dirigir seu movimento, bastaria, por si só, para curar em não mais do que dez anos todas as feridas que os bandidos que dominaram a pátria lhe infligiram, desde Facundo até Rosas. Vou demonstrá-lo. Meio milhão de homens emigram da Europa anualmente, pelo menos, os quais, tendo uma indústria ou um ofício, saem em busca de fortuna, e se fixam onde acham terra para tomar posse. Até 1840, essa imigração se dirigia principalmente para a América do Norte, que se cobriu de cidades magníficas e se encheu de uma imensa população, graças à imigração. Foi tal a mania de emigrar que, por vezes, povoados inteiros da Alemanha foram transportados para a América do Norte, com seus prefeitos, padres, professores de escola

etc. Contudo, por fim aconteceu que nas cidades costeiras o aumento de população tornou a vida tão difícil quanto era na Europa, e os emigrados encontraram ali o mal-estar e a miséria de que estavam fugindo. Desde 1840 se leem avisos nos jornais norte-americanos advertindo contra os inconvenientes que os emigrados encontram, e os cônsules da América mandam publicar nos jornais da Alemanha, da Suíça e da Itália avisos iguais, para que não emigrem mais. Em 1843, dois navios carregados de homens tiveram de regressar à Europa com sua carga, e, em 1844, o governo francês mandou a Argel 21 mil suíços que iam, inutilmente, para a América do Norte.

Aquela corrente de emigrados que já não encontram vantagem no Norte começou a costear a América. Alguns se dirigem a Tejas; outros, ao México, cujas costas malsãs os rechamam; o imenso litoral do Brasil não lhes oferece grandes vantagens, por causa do trabalho dos escravos negros, que tira o valor da produção. Então eles têm de se infiltrar junto ao rio da Prata, cujo clima suave, terra fértil e abundância de meios de subsistência os atraem e os fixam. Desde 1836 começaram a chegar a Montevideu milhares de emigrados, e, enquanto Rosas dispersava a população natural da República com suas atrocidades, Montevideu se engrandecia num ano, até se tornar uma cidade florescente e rica, mais bela do que Buenos Aires e mais cheia de movimento e comércio. Agora que Rosas levou a destruição a Montevideu, porque esse gênio maldito não nasceu senão para destruir, os emigrados se aglomeram em Buenos Aires e ocupam o lugar da

população que o monstro faz matar, diariamente, nos exércitos, e já no presente ano propôs à Sala recrutar bascos para repor seus quadros dizimados.

Assim, no dia em que um governo novo direcionar para objetivos de utilidade nacional os milhões que hoje são gastos em fazer guerras desastrosas e inúteis e em pagar criminosos; no dia em que por toda a Europa se souber que o horrível monstro que hoje desola a República e está gritando, diariamente, "morte aos estrangeiros" desapareceu, nesse dia a imigração industrial da Europa virá em massa para o rio da Prata; o *Novo Governo* vai se encarregar de distribuí-la pelas províncias: os engenheiros da República vão traçar, em todos os pontos convenientes, os planos das cidades e dos vilarejos que deverão construir para a residência dela, e a ela serão atribuídos terrenos férteis, e em dez anos as margens dos rios ficarão cobertas de cidades, e a população da República dobrará, com moradores ativos, morais e industriais. Essas não são quimeras, porque basta querê-lo e basta haver um governo menos brutal do que o presente para o conseguir.

Em 1835 emigraram para a América do Norte quinhentas mil, seiscentas e cinquenta almas; por que não emigrariam para a República Argentina 100 mil por ano, se a horrível fama de Rosas não os amedrontasse? Pois bem: 100 mil por ano significariam em dez anos 1 milhão de europeus industriais disseminados por toda a República, ensinando-nos a trabalhar, explorando novas riquezas e enriquecendo o país com suas propriedades; e, com 1 milhão de homens

civilizados, a guerra civil é impossível, porque seriam em menor número os que se achariam no estado de desejá-la. A colônia escocesa que Rivadavia fundou ao sul de Buenos Aires o prova até a evidência: sofreu com a guerra, mas dela jamais tomou parte, e nenhum gaúcho alemão abandonou seu trabalho, sua leiteria ou sua fábrica de queijos para ir perambular pelo Pampa.

Creio ter demonstrado que a revolução da República Argentina está já terminada e que só a existência do execrável tirano que ela engendrou impede que, hoje mesmo, entre numa carreira ininterrupta de progressos que muito em breve viriam a ser invejados por alguns povos americanos. Acabou a luta das campanhas com as cidades; o ódio a Rosas reuniu esses dois elementos; os antigos federais e os velhos unitários, como a nova geração, foram perseguidos por ele e se uniram. Finalmente, suas próprias brutalidades e seu desenfreamento o levaram a envolver a República numa guerra exterior em que o Paraguai, o Uruguai e o Brasil o fariam sucumbir necessariamente, se a própria Europa não se visse forçada a vir a derrubar esse andaime de cadáveres e sangue que o sustenta. Quem ainda abriga preocupações contra os estrangeiros pode responder a esta pergunta: Quando um foragido, um furioso ou um louco frenético chega a se apoderar do governo de um povo, devem todos os demais governos tolerá-lo e deixar que ele promova destruições a seu bel-prazer, que assassine sem piedade e que mantenha em alvoroço por dez anos todas as nações vizinhas?

Porém, não receberemos o remédio só do exterior. A Providência quis que, no desenlace do sangrento drama da nossa revolução, o partido tantas vezes vencido e um povo tão pisoteado se encontrassem com armas na mão, aptos para fazerem ouvir as queixas das vítimas. A heroica província de Corrientes tem hoje 6 mil veteranos que a esta hora terão entrado em campanha sob as ordens do vencedor da Tablada, de Oncativo e de Caaguazú, o boleado, o Paz maneta, como é chamado por Juan Manuel Rosas. Quantas vezes esse furibundo, que sacrificou inutilmente tantos milhares de vítimas, ter-se-á mordido e ensanguentado os lábios de cólera ao recordar que o manteve preso por dez anos e não o matou, a esse mesmo boleado maneta que hoje se prepara para castigar seus crimes! A Providência ter-lhe-á querido dar esse suplício de condenado, fazendo-o carcereiro e guardião daquilo que estava destinado desde o Alto, para vingar a República, a Humanidade e a Justiça.

Deus proteja tuas armas, honrado general Paz! Se salvas a República, nunca houve glória como a tua! Se sucumbes, nenhuma maldição te há de seguir até o túmulo! Os povos associar-se-ão à tua causa, ou haverão de deplorar, mais tarde, sua cegueira ou seu aviltamento!